

A Loucura na Cidade do Rio de Janeiro: idéias e vivências 1830-1930

Mazali Gouveia Engel

Doutora em História pela Unicamp
Professora do Depto. de História-UFF

As idéias e vivências da loucura presentes na cidade do Rio de Janeiro entre 1830 e 1930, período em que esta era apropriada e transformada pelos alienistas em doença mental, constituem o objeto do estudo que desenvolvi como tese de doutorado no Curso de Pós-Graduação em História da Unicamp.

Os objetivos da abordagem proposta se orientam no sentido de avaliar o processo de construção da loucura como doença mental; sondar suas implicações no que se refere à formulação e à implantação de novos mecanismos de controle social na sociedade brasileira do século XIX e início do XX, através da criação de instituições asilares como o hospício, e da ampliação das possibilidades de reclusão de um número progressivo de pessoas diagnosticadas como doentes mentais; enfim, explorar os significados da crescente abrangência das fronteiras da *anormalidade*. Neste sentido, alguns estudos especificamente dedicados ao tema da loucura deram o norte teórico e metodológico da pesquisa, entre os quais se destaca, em primeiro lugar, a obra clássica de Michel Foucault, bem como os trabalhos desenvolvidos por alguns estudiosos do tema nas trilhas das reflexões deste filósofo.¹ Procurouse, contudo, relativizar e redimensionar o caráter absoluto dos desdobra-

mentos efetivos da relação saber/poder, levando-se em consideração as intrincadas redes que, tecidas no cotidiano das relações de dominação, revelam cumplicidades, sujeições, rebeldias, enfim um colorido múltiplo e, muitas vezes, inusitado.²

A construção da noção científica de doença mental implicaria uma série de apropriações de imagens da loucura veiculadas pelo senso comum. Por outro lado, as idéias e vivências *leigas* da loucura expressariam, ao mesmo tempo, rejeições e assimilações de várias concepções elaboradas e difundidas pelos alienistas e psiquiatras. Para pensar questões deste tipo, que remetem não apenas aos embates e aos conflitos, mas também às aproximações e às coincidências que caracteri-

¹ Cf.: FOUCAULT, M. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CASTEL, R. *A ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alcoolismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

COSTA, J. E. *História da psiquiatria brasileira*.

4.ed. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

MACHADO, R. et al. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*.

Rio de Janeiro: Graal, 1978.

² Neste sentido, foram fundamentais as concepções defendidas por Maria Clementina Pereira Cunha especialmente em seu belíssimo estudo sobre o Juquery.

Cf.: CUNHA, M. C. P. *O espelho do mundo - Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. *Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX*. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 121-44, ago./set. 1988.

Combates & Rituais

zam o universo múltiplo, diverso e contraditório das manifestações culturais que integram uma dada sociedade, as reflexões desenvolvidas por Edward Thompson, Carlo Ginzburg e Roger Chartier³ foram fundamentais.

Os objetivos propostos foram perseguidos através do rastreamento das pistas e vestígios que puderam ser encontrados em vários tipos de fontes. Para a reconstituição e a análise da trajetória - bem como das principais linhas e diretrizes que a nortearam - percorrida pelos médicos e psiquiatras brasileiros durante o século XIX e princípio do XX no sentido de transformar a loucura em doença mental, convertendo-a em objeto exclusivo de um saber e de uma prática especializados, foram utilizados, fundamentalmente, os escritos médicos sobre alienação mental, entre os quais, teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; artigos, memórias e discussões publicados nos *Anais da Academia de Medicina* e no *Brazil-Médico*, bem como em periódicos especializados em medicina mental; obras de psiquiatras e legistas que imprimiram as principais linhas e orientações aos rumos seguidos pela psiquiatria no Brasil e alguns relatórios dos diretores do serviço clínico do Hospício de Pedro II, dos diretores da Assistência Médico-Legal a Alienados, das Colônias de Alienados criadas na cidade do Rio de Janeiro e do Manicômio Judiciário. Através das fichas das observações clínicas de pacientes internados nestas instituições e dos laudos periciais de indivíduos suspeitos de alienação, foi possível ter acesso não apenas ao exercício prático das concepções teóricas formuladas no âmbito da medicina mental, mas também, eventualmente, à fala dos próprios observados que, mesmo sob o filtro do olhar do psiquiatra ou do legista, ex-

pressam pequenas rebeldias e submissões, cuja apreensão foi indispensável para se tentar compreender as dimensões microscópicas das relações de poder.

As leis, decretos e regulamentos relativos ao Hospício de Pedro II, à Assistência Médico-Legal a Alienados e à formação profissional de psiquiatras e enfermeiros, bem como algumas discussões acerca da assistência aos alienados que tiveram lugar na Câmara dos Deputados e no Senado e sua divulgação pela imprensa da época, foram importantes para avaliar as adesões e as reações de políticos, legisladores, administradores e publicistas à reivindicação dos alienistas no sentido de monopolizar todas as questões direta ou indiretamente relacionadas à doença mental. Neste mesmo sentido, a análise complementar das posturas assumidas por juristas em relação à insanidade mental, expressas em alguns livros e artigos sobre o tema e nos processos judiciais examinados teve importância considerável.

Para a análise das questões relativas às idéias e posturas assumidas pela população urbana diante da loucura foram utilizados, especialmente, os relatos de cronistas e memorialistas da cidade do Rio de Janeiro e escritos literários que de uma forma ou de outra abordam temas relacionados à loucura ou à doença mental. No que se refere ao uso da produção literária, gostaria de salientar que esta constitui uma fonte preciosa para a análise his-

³ THOMPSON, E. P. *Tradição, revuelta y consciencia de clase*. Barcelona: Editorial Crítica, 1979.

GINZBURG, C. *Falciore, antropologia e história social*. In: *Entrepassados, Revista de História*, Buenos Aires, n. 2, p. 63-83, 1992.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

CHARTIER, R. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

tórica, à medida que, através dela, pode-se, por exemplo, detectar as crenças, os valores, as atitudes, enfim, as várias expressões culturais disseminadas no meio social onde foram produzidas e difundidas. Assim, a análise das trajetórias de alguns personagens literários caracterizados como loucos pode revelar até que ponto e de que forma as concepções médicas acerca da doença mental foram absorvidas e/ou contestadas nos meios literários da época. Por outro lado, algumas obras traduzem não apenas as características que teriam marcado as relações entre o louco e seus familiares, vizinhos e amigos e as reações da população urbana de um modo geral diante da loucura, mas também as atitudes assumidas por personagens classificados como loucos diante da sua própria loucura.

Escolhi a cidade do Rio como principal cenário das histórias contadas no trabalho porque enquanto centro político-administrativo, importante núcleo econômico-financeiro e principal pólo de produção e de difusão do saber médico no período abordado, o Rio de Janeiro constitui o palco privilegiado das transformações que, a partir de meados do século passado, começavam a se delinear, lenta e contraditoriamente, nos horizontes da sociedade brasileira. As perspectivas de reestruturação das relações de trabalho em novas bases, a ampliação e a complexificação dos espaços urbanos, a proclamação da República, entre outros aspectos sinalizavam o advento de um novo tempo: impunham a formulação e a implantação de novos mecanismos disciplinares e/ou excludentes, capazes de assegurar que as mudanças se processassem dentro dos limites de uma ordem definida de acordo com os novos anseios, expectativas e interes-

ses, aliados a velhos medos e receios manifestados por um número cada vez mais expressivo de setores que integravam a classe dominante.

Neste sentido, desde o período monárquico, o Rio de Janeiro seria transformado num vasto laboratório de experimentação das modernas estratégias e técnicas de controle social, a maior parte das quais geradas ou inspiradas pelos princípios desenvolvidos pela medicina social. Deste modo, no que se refere especificamente ao processo de medicalização da loucura, a fundação do Hospício de Pedro II em meados do século passado e, principalmente, a criação da cadeira de clínica psiquiátrica nos cursos de medicina que, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro - ao contrário da Faculdade de Medicina da Bahia - começaria efetivamente a funcionar em meados da década de 1880, converteriam o Rio no núcleo mais importante de produção e de irradiação do saber alienista. Posição consolidada a partir de fins do século XIX com a criação do Serviço de Assistência aos Alienados (1890); a proliferação de teses defendidas na cadeira de psiquiatria e moléstias nervosas da FMRJ; a integração entre o saber e a prática alienista, viabilizada através da criação do Pavilhão de Observação no Hospício Nacional de Alienados (1892); a crescente produção de artigos e memórias sobre alienação mental pela comunidade médica do Rio de Janeiro, publicados não apenas nos periódicos gerais de medicina mas também nos especializados em psiquiatria e medicina legal e, a fundação da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal (1907).

O marco cronológico inicial assinala o momento em que os médicos brasileiros começariam a reivindicar

Combates & Rituais

para si a responsabilidade sobre a loucura defendendo, através de relatórios, artigos e discussões na Academia de Medicina do Rio de Janeiro, a necessidade da construção de hospícios, onde os alienados mentais pudessem ser recolhidos e tratados convenientemente

por especialistas. Os marcos finais da pesquisa apontam para os novos rumos tomados pela psiquiatria brasileira a partir dos anos 20, marcados pela difusão da perspectiva preventista da higiene mental articulada em torno dos princípios e das propostas eugênicas.